



**X COLÓQUIO  
INTERNACIONAL**  
"Educação e Contemporaneidade"  
22 a 24 de Setembro de 2016  
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

## **EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE: REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS BAILES DANÇANTES EM ARACAJU NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

MARLAINE LOPES DE ALMEIDA

CORIOLOANO PEREIRA DA ROCHA JÚNIOR

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

**RESUMO** O presente trabalho tem por objetivo analisar como a educação constituiu-se em um elemento de sociabilidade e condição de acesso do público feminino aos clubes dançantes em Aracaju no início do século XX. O estudo tem como base os pressupostos teóricos e metodológicos da Nova História. Para a fundamentação teórica, nos valem da categoria de Representação de Roger Chartier (1990), e do conceito de Elites Culturais de Sirinelli (1997). O estudo nos permitiu compreender o uso que as mulheres fizeram da sua formação para frequentarem espaços de sociabilidade, como os bailes dançantes, lugares dotados de significados, ambientes pensados e projetados para constituir momentos de lazer, entretenimento e expressividade cultural e intelectual para algumas mulheres em Aracaju nas primeiras décadas do século XX. Palavras-chaves: Educação, sociabilidade, mulher. **ABSTRACT** This study aims at examining how education consisted in a sociability element and requirement for women to gain access to dance club in aracaju's early twentieth-century. The study is based on the theoretical and metodological assumptions of the New History. For the theoretical foundation, we followed the category Representation of Roger Chartier (1990), and the concept of Cultural Elites of Sirinelli (1997). This study allowed us to understand how women took advantage of their academic qualification in order to attend sociability venues, such as ball rooms, places endowed with meanings, environments thought and designed to provide leisure, entertainment and cultural and intelectual expression for some women in local society. Keywords: Education, sociability, women.

Este estudo tem como tema a relação entre educação, modos de sociabilidade e a presença das

mulheres em espaços públicos. Seu objetivo foi analisar como a educação constituiu-se em um elemento de circulação e convivência social e condição de acesso das mulheres aos espaços de dança, os clubes dançantes, em Aracaju-SE, no início do século XX. Para situar a mulher no âmbito do entretenimento e da diversão nos clubes dançantes, fez-se necessário compreender a posição das “moças de escola” e a importância da posse de diploma para as mulheres, como símbolo de *status* intelectual, requisitos para o acesso do público feminino a determinados espaços destinados à elite cultural em Aracaju nas duas primeiras décadas do século XX. À luz do referencial metodológico da Nova História, o estudo está embasado nas prerrogativas dos historiadores da Escola dos Anales, conforme visto em Burke (1992). A partir desta metodologia vimos que é possível instrumentalizar-se com os achados, conceitos e categorias que suportam informações capazes de reconstituir os processos efetivamente vividos. Como fontes, nós utilizamos os jornais que circularam durante o período estudado, arquivados no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no Arquivo Público do Estado de Sergipe, na Biblioteca Epifânio Dórea e no Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura. Para a fundamentação teórica, nos valemos da categoria de Representação de Roger Chartier (1990), e do conceito de Elites Culturais de Sirinelli (1997). Entendemos que o estudo sobre a presença feminina nos espaços de sociabilidade, a partir da compreensão do uso que as mulheres fizeram da sua educação, traz uma contribuição relevante para o campo da Educação. Isto se dá pela possibilidade de investigar as relações sociais possíveis destas em Aracaju, a partir da formação escolar, condição para sua aparição no cenário público e nos ambientes de entretenimento da cidade, no início do século XX. No cenário e período analisados, merecem atenção às significativas mudanças no comportamento e no modo de vida das pessoas, decorrentes de um crescente processo de urbanização e do surgimento de espaços de socialização, que, impulsionados pela modernidade, desencadearam um fenômeno que Sevcenko (1998) chamou de “mobilização permanente”. Essa mobilização significou um constante deslocamento dos indivíduos do âmbito privado para o público. No início do século XX houve um número expressivo de mulheres letradas que fizeram uso racional dos acessos aos espaços de convivência social, como os clubes de dança, as associações esportivas, os grêmios recreativos, os salões de festas, os cafés, dentre outros. Nesses ambientes faziam demonstrações de habilidades, talentos e da capacidade de crítica política e social, através de suas composições, fazendo com que sua participação fosse bem quista e requisitada. O incentivo a presença feminina nesses espaços revelava o desejo de conferir ao ambiente a leveza, a ternura e a beleza expressada pelas mulheres, além do interesse pela apreciação de suas práticas e de oportunizar as mulheres o desfrute das benesses da vida moderna. Como paradoxo a estes argumentos, vemos que por muitos anos a educação feminina foi projetada no sentido de formar mulheres aptas a cumprir a missão de esposa, mãe e dona de casa, incultando na sua formação as bases para cumprir, com efeito, aquilo que a sociedade imputou a este gênero, como vocação e destino. De acordo com

Almeida (2004), no interior das províncias, as crianças aprendiam as primeiras letras juntas, depois o ensino tornava-se diferenciado, os meninos continuavam os estudos a fim de se prepararem para tornarem-se homens de sociedade, e as meninas findavam sua preparação na aptidão para os serviços domésticos e os cuidados que deveriam ter com o marido e os filhos. As que eram encaminhadas para os conventos também eram preparadas para o casamento e lá aprendiam história sagrada, bordado, culinária, cuidados do lar, escrever, ler, contar, e, um pouco de latim, para acompanhar as missas. Onde quer que fosse o vilarejo, fazenda, casa ou convento, a instrução necessária para a mulher se resumia em rudimentos de leitura, escrita, princípios religiosos, economia doméstica e trabalhos manuais. Almeida (2004) assevera ainda que, terminada a instrução da mulher, sua responsabilidade não deveria se estender para fora do seu lar, porém, seria aceitável se fosse para cuidar de alguém ou ajudar em um parto. Essas atividades eram admissíveis se fossem realizadas como forma de doação e presteza, no entanto, proibida enquanto trabalho assalariado. Ainda que os primeiros anos republicanos despertassem o desejo de liberdade nos indivíduos, refletidos em ações de emancipação humana nos mais diversos setores sociais, a resistência a essas possibilidades ao público feminino estava muito presente e enraizada nos padrões culturais do século XIX e mesmo no XX. O lema republicano de liberdade e progresso não visava à independência social da mulher, menos ainda se ameaçasse romper com o poder patronal que as mantinham submissas as regras de conduta familiar e social. O deslocamento da mulher do lar para o público foi uma conquista que aos poucos se firmou através de práticas de resistência, configurando-se como uma revolução passiva, na qual dentro das normas que eram socialmente aceitas, as mulheres buscaram estrategicamente se posicionar nos espaços projetados para o convívio e a sociabilidade.

A identidade feminina, resguardada entre vários segmentos sociais, era definida numa moldura cultural em que valores, normas, expectativas, imagens, regras, conceitos e preconceitos compunham o arcabouço social e determinavam os hábitos e costumes. Das mulheres esperava-se permanência no espaço doméstico, recato, submissão, o acatamento da maternidade como a mais elevada aspiração. Dos homens, a atuação no espaço público, no mundo do trabalho, na política, o exercício da liberdade, inclusive sexual, a incorporação dos atributos de proteção e autoridade (ALMEIDA, 2004, p. 73).

O século XX foi saudado por um cenário de manifestações femininas, donde emergiram movimentos pela liberação, pelo reconhecimento do deslocamento da sua posição na sociedade, do espaço privado e restrito do

seu lar para outras esferas, rompendo assim, com a mentalidade construída por séculos, que subordinava a mulher ao homem e ao lar. Para Taranto (2011), a formação da mulher é pensada em vista do lugar que lhe é reservado em um dado período, e, o que se chama de natureza é uma mistificação engenhosa, produto de uma construção social por meio de condicionamentos educativos e das restrições legais.

[...], os senhores das mulheres querem mais que a obediência, por isso desviaram em proveito de seu desígnio toda a educação. Todas as mulheres são criadas desde a infância na crença que o ideal de seu caráter é totalmente contrário àquele do homem; elas são instruídas a não querer por elas próprias, a não se conduzir segundo sua vontade, mas a se submeter e a ceder à vontade dos outros (MILL, 1992 *apud* TARANTO, 2011, p. 91). Por muito tempo, a condição feminina em termos de educação e ocupação de espaço no âmbito público esteve condicionada ao modo pelo qual a sociedade definia e estruturava os padrões de comportamentos, de hábitos e de costumes que regulavam onde e como os indivíduos deveriam estar. No início do século XX, em algumas localidades, como exemplo a cidade de Aracaju, surgiram clubes recreativos, projetados pela elite e destinados a uma parcela diminuta da sociedade. Logicamente, as mulheres que tiveram acesso a estes ambientes, eram personalidades do cenário social sergipano, como parte de sua inteligentícia e já se destacavam pela ocupação de outros espaços, por terem tido acesso a uma educação diferenciada, a cultura letrada, e estavam engajadas em movimentos sociais, principalmente em se tratando de lutas feministas em prol da emancipação da mulher. Percebemos esta elite, a partir do entendimento de Bourdieu (1999), como um grupo restrito de indivíduos, que acumulou um capital simbólico, fosse ele cultural, econômico, religioso, político, militar, social ou de outra natureza. Tal condição os permitia um reconhecimento entre seus pares, dando-lhes um *status* privilegiado, com funções de mando, de direção, de orientação ou representação. Quanto ao termo inteligentícia, Silva (2006) usou-o para referir-se aos homens de letras que não queriam ou conseguiam encontrar posições na burocracia em Sergipe. Já Burke (2003), ao tratar da denominação dos indivíduos que compõem uma intelligentsia, opta por chamá-los de "letrados", ao invés de intelectuais, utilizando-os para descrever grupos sociais cujos membros se consideravam 'homens de saber' (*docti, eruditi, savants, gelehrteu*), ou 'homens de letras' (*literati*,

*hommes de lettres*). As mulheres que despontaram no cenário intelectual, cultural, e tiveram acesso aos espaços recreativos em Sergipe no início do século XX eram de uma geração fruto de uma intelectualidade que, por serem da elite detentora do conhecimento, estrategicamente controlavam estes espaços. Essas elites, compreendidas por Sirinelli (1997, p. 274.) como “elites culturais”, definem-se, especialmente, pelo seu poder de influência, isto é, de ressonância e de amplificação, repercutidas na sociedade pela legitimidade das tomadas de decisão e ações relevantes em matéria cultural. O autor utiliza alguns critérios para definir o limiar de pertencimento dos indivíduos a essas elites. Ao propor uma definição empírica de um homem de cultura, Sirinelli (1997) classificou os indivíduos em duas categorias: os criadores e os mediadores. Para Sirinelli (1997), entre as *elites de criação* estão os sujeitos, que, através de suas experiências criam/fomentam/representam eventos e práticas culturais, participam na criação artística e literária ou no progresso do saber. Neste grupo incluem-se os indivíduos que gozam de notoriedade, reconhecimento pelos seus pares e extensão das suas obras. Já os *mediadores culturais*, são os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos da criação e do saber. Destacam-se pela capacidade de ressonância e amplificação, ou seja, pelo poder de influência. O reconhecimento, tanto dos criadores quanto dos mediadores culturais, é conformado em um primeiro momento de forma endógena. Isso ocorre devido às resistências e pressões que cada grupo encontra ao tentar legitimar seus pensamentos, suas produções, percepções e formas de dissipação dos saberes. Uma vez que estes tenham sido admitidos no interior de cada grupo, por meio dos méritos atribuídos e aceitos entre seus pares, que por sua vez também são seus concorrentes, exteriorizam seus dispositivos para que sejam refletidos e aceitos na sociedade de forma qualificada e, se possível, institucionalizada. Essa simbologia de identidade intelectual ligada ao domínio das letras e as ideias de pertencimento a grupos de elites culturais, assim como a possibilidade de inserção no âmbito público, seja pelo poder de ressonância ou pela produção cultural, permitiram que muitas mulheres sergipanas se enquadrassem em grupos de intelectuais do período republicano. Essa condição tornou-se possível devido ao reconhecimento via formação. Neste ponto, a escola desempenhou um papel fundamental, por garantir e legitimar a competência, materializada pela posse do diploma, fator essencial na

repercussão da imagem social, principalmente por oportunizar a proximidade com o mundo intelectual masculino e a ocupação feminina de espaços públicos de visibilidade. Burke (2002) identifica os clubes como instituições a meio caminho entre o mundo privado da família, e, a esfera pública da sociedade civil, ou seja, um espaço de circulação social. Neste sentido, os clubes e os espaços de eventos festivos funcionaram como o lugar propício para fomentar as relações de sociabilidade, ambientes nos quais as mulheres letradas de Aracaju, pertencentes à inteligência sergipana, fizeram uso para reafirmar mais um passo, rumo à aparição e ao desfrute da vida pública. O estudo desenvolvido por Pereira (2010) retrata a vida dos clubes dançantes no subúrbio do Rio de Janeiro na Primeira República, revelando o gosto dos moradores dos bairros pelos bailes promovidos pelas agremiações, fato que despertava o interesse pelo associativismo dançante. A autora mostra a centralidade que as festas com dança assumiram no cotidiano das pessoas, e evidenciou a emergência de inúmeros espaços dançantes no subúrbio carioca, que se organizavam sob a justificativa de promover festejos diversos para os associados. A proposta era oferecer lazer e sociabilidade, com a promoção de bailes, na condição de que estes fossem morais e honestos. De acordo com Pereira (2010, p. 278 e 279), os cronistas do Rio de Janeiro viam esse movimento dos clubes dançantes com estranhamento, pois, achavam contraditório que os moradores do subúrbio, apesar de viverem com privações, desfrutassem das festas e tentassem se “igualar a alegria própria dos que dançavam nos salões elegantes da cidade”. Este dado nos traz a percepção de que as festas que envolviam dança eram um fenômeno expressivo e característico de um público dotado de uma condição social privilegiada, mas, que também foi apropriada por outras camadas sociais, que o resignificaram, fazendo dele um espaço atrativo e intenso. Pereira (2010, p. 277), caracteriza esse entusiasmo como uma “febre dançante”, a qual se mostrava como um poderoso fenômeno social no Rio de Janeiro do começo do século XX.

Ao se reunirem em associações recreativas, participarem de festas e aproveitarem seu tempo livre para buscar na dança e na música um meio privilegiado de diversão, muitos outros sujeitos mostravam, desde o final do século XIX, a centralidade do ritmo, da dança, da música e da festa para suas próprias experiências. Para além das fronteiras do mundo letrado, é

preciso, por isso, buscar o modo pelo qual tais tradições foram construídas também a partir de experiências, sonhos e aspirações de sujeitos que não tinham na escrita sua forma privilegiada de expressão (PEREIRA, 2010, p. 283 e 284). Para melhor compreender o significado dos espaços e os sentidos destinados aos lugares, Viñao Frago e Escolano (1998), nos esclarecem que a construção destes é dotada de intencionalidades:

[...] o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler; o emprego que o ser humano faz dele mesmo (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p. 64).

[...] todo espaço é um lugar percebido. A percepção é um processo cultural. Por isso, não percebemos espaços, senão lugares, isso é, espaços elaborados, construídos (VIÑAO FRAGO & ESCOLANO, 1998, p. 78).

Tendo visto as configurações do espaço da mulher na sociedade e nos cenários de diversão, dentre estes os bailes dançantes, além de analisarmos suas possibilidades educativas e de inserção num determinado estrato social, buscamos reconstruir o retrato histórico em torno da mulher imersa na cena urbana de entretenimento. Assim, tentamos compreender a projeção do espaço e a criação dos lugares pensados para fomentar a sociabilidade, fossem em grêmios literários, associações recreativas, salões palacianos, clubes, dentre outros, que intensificaram as vivências culturais femininas, especificamente em Aracaju. Na capital sergipana, os bailes dançantes ganharam força e expressividade através das festas promovidas pelo *Club Sportivo Feminino* (CSF), uma agremiação para mulheres criada no ano 1919, com a finalidade de propiciar práticas esportivas e festas dançantes para a elite aracajuana, constituída por homens e mulheres de posse de diploma, os quais eram considerados como integrantes da inteligência local no início do século XX. A elite aracajuana classificava os eventos sociais dançantes que promoviam como festas lítero-dançantes, ou sarau-lítero dançante. Os termos alocavam os indivíduos em uma posição de distinção social, através da qual se reconheciam como intelectuais, artistas e indivíduos “de escola”:

Uma festa brilhante. O victorioso Club Sportivo Feminino levará a efeito,

amanhan a noite no salão superior da biblioteca pública, com uma esplendida festa lítero-dançante musical, cujo preço do ingresso é diminutíssimo. Tomarão parte os seguintes intelectuais e artistas, todos de escola aracajuana: Dr. Edson Ribeiro, Dr. Álvaro Silva, Godofredo Diniz, acadêmico Clodomir Silva, professor Artur Fortes, Candoca Jorge, Dr. Porto Carrero, Laura Fernandes, Laura Rocha e Joaquim Fernandes [...] (CORREIO DE ARACAJU, 30 de novembro de 1923). Associar as atividades intelectuais e a cultura das letras aos eventos festivos e dançantes era uma prática que marcava a essência dos clubes recreativos de elite que surgiram no início do século XX. Nos eventos do *Club Sportivo Feminino* eram frequentes os bailes, os saraus, as retretas, e uma diversidade de festas que carregavam nomes como *Soiré*, *Pris Wide*, dentre outros, onde se entoavam os ritmos musicais, que variavam dos clássicos aos modernos e que eram intercalados com recitais literários, apresentações artísticas e culturais.

Mais uma noite admirável, plena do riso feminino de nossas lindas girls e da satisfação de nossos rapazes, nos proporcionará, hoje, a sympathica e bem organizada agremiação que é o Club Sportivo Feminino. Estará, assim, hoje, sorridente de luz o vasto salão da Bibliotheca Pública do Estado, onde inúmeros pares voltarão, delirantes, ao som de escolhidos trechos musicais de uma bem confeccionada orchestra (SERGIPE JORNAL, 14 junho de 1924).

Da illustre directoria do Club Sportivo Feminino, acabamos de receber um delicado convite para o próximo sarau dançante que effectuará no próximo domingo, 19h, 26 do corrente, em comemoração ao seu aniversário de fundação. A julgar pelas anteriores, é de crer, que a próxima a ser realizada tenha grande afluência do nosso mundo social e do que Sergipe tem de mais chic (SERGIPE JORNAL, 22 de setembro de 1925). Nas festas pairava uma atmosfera de alegria e prazer, que impulsionava os indivíduos a embalarem o corpo ao frenesi do movimento dançante, com a tranquilidade e satisfação de estarem desfrutando de momentos de partilha cultural no universo da elite letrada de Aracaju. Estes eventos não só agregavam como manifestavam nos indivíduos, o sentimento de pertencimento ao lugar, e de acompanhamento da modernidade, refletida na percepção de usufruírem das "afluências do nosso mundo social" e do que se podia considerar como "chic", moderna.



Annunciado como estava, realizou-se antehontem, no salão da Bibliotheca Pública, a festa lítero-musical dançante do victorioso Club Sportivo Feminino, a mais chic agremiação desportiva de Sergipe, cujas festas se revestem sempre ao máximo brilhantismo, parecendo, por esta razão, todas iguais. Entretanto temos a impressão de que a última foi melhor. Foi uma noite de arte, mas de verdadeira arte [...] (CORREIO DE ARACAJU, 02 de dezembro de 1923). Os jornais descreviam as festas dançantes do *Club Sportivo Feminino* como eventos esplendidos, brilhantes, requintados, envoltos de certo *glamour*, demonstrando o quanto era elaborado e seletivo o ambiente, com uma programação artística e literária digna dos intelectuais e da apreciação de uma pequena parcela da sociedade:

[...]. Porto Carrero em evidência com o seu violino conhecedor da arte de Paganini, o ilustre musicista executa magistralmente <<Doris bébe>> e qual seria a criança que não adormecesse aquelles acordes. Godofredo Diniz, com dicção eloquente e arrebatada, << entretém>> diálogo psicológico e ao mesmo tempo humorístico com uma senhorinha, prometendo a Delegacia fiscal para sede do Club Sportivo Feminino>>... quando fosse deputado. Artur Fortes, empolgante e brando, lê três esplendidas madrigaes por elle traduzidos de poeta espanhol. Leyda Régis, chistosa e satírica, faz suave e agudo comentário sobre o <<Serenos>>. Cecinha Mello, com sua arte de falar reconhecida, diz excellentes versos. Dr. Porto Carrero volta a deliciar o auditório com o seu violino mágico, tocando <<Serenata Coquette>>. Joaquim Fernandes, com voz sonoríssima, canta a canção sentimental << Povera mama>>. Clodomir Silva, o irresistível, obriga a assistência à hilaridade com a sua chronica folklorista. Candoca Jorge, sentimental e expressiva, com esplendida voz canta << Los ojos negros>>. Laura Rocha caricatura a giz Dr. Porto Carrero, senhorinha Zuzu Fernandes e Clodomir Silva. Os acompanhamentos a piano foram todos feitos impecavelmente pela senhorinha Laura Fernandes. A parte lítero-musical foi portanto, de magnífico e inexcedível êxito. Não houve ponto fraco. Seguiu-se a parte dançante. A banda de música da polícia desafiava os circulantes, e o piano de Caçula Santos estava irresistível (CORREIO DE ARACAJU, 02 de dezembro de 1923).

Na festa dançante do *Club Sportivo Feminino*, percebe-se que o lugar do baile ampliava-se para além da dança, e tomava uma configuração de palco

de expressividades artísticas, culturais e intelectuais. Estas eram representadas de diversas maneiras, com a participação de vários personagens da sociedade local. A ação destas pessoas se dava a partir de suas habilidades e talentos, sendo os eventos um espaço de demonstração destes. Podemos citar várias figuras que participavam destes momentos. Laura Rocha demonstrava sua habilidade com a pintura e o desenho, caricaturando a giz os convidados da festa, enquanto outras manifestações emergiam com exposições de talentos musicais reveladas pelo canto de Joaquim Fernandes e Candoca Jorge, e pelo domínio dos instrumentos, a exemplo do Dr. Porto Carrero com o violino, e Laura Fernandes com o piano; demonstrações de domínio das letras e línguas estrangeiras de Artur Fortes; as diversas declamações de autoria própria, como a crônica folclorista de Clodomir Silva, os versos de Cecinha Melo e poesia satírica sobre “o Sereno” de Leyda Régis, a qual fazia referência em suas palavras àqueles que estavam do lado de fora, longe do calor dos bailes palacianos; além de relatos humorísticos de percepções acerca dos lugares ocupados por cada indivíduo na sociedade. O ambiente também criava aproximações, instigava o flerte, oportunizava a exposição da beleza e da juventude, além de propiciar momentos oportunos para conseguir um bom partido para o casamento. Os espaços dos eventos formavam uma configuração propícia para expressar o alcance das mulheres ao mundo da cultura, principalmente em se tratando do poder de produção literária, da capacidade de expor com clareza, lógica e elegância as produções intelectuais femininas, além das suas competências para organizar e gerenciar os eventos. Os jornais frequentemente faziam referência ao prestígio e a boa reputação das mulheres que participavam dos eventos festivos promovidos pelo *Club Sportivo Feminino*, principalmente pelo parentesco com homens que exerciam função de relevante importância na esfera pública. Tal parentesco conferia-lhes um *status* social privilegiado, por fazerem parte de um universo cultural valorizado. Os indivíduos que usufruíam do entretenimento e lazer proposto pelos clubes de elite, conviviam em um ambiente que aspirava a formação intelectual de suas filhas, esposas e parentes, que seriam as detentoras de diplomas de formação superior, oportunizando-as o acesso ao mundo civilizado e moderno, através da valorização da educação e, por conseguinte da sua atuação profissional, que foi possível, principalmente àquelas menos abastadas, pelas relações sociais que os

parentes mantinham. Outro fator importante que introduziu essas mulheres no campo social, foi à condição conjuntural na qual se encontrava o país, em um período de expansão do mercado de trabalho e a disponibilidade de cargos que exigiam a especialização em nível superior. Assim, as mulheres que tinham posse de diploma puderam atuar como profissionais, conquistando o reconhecimento e a visibilidade no âmbito social. Muitos foram os ambientes pensados e bem elaborados pelas mulheres e entusiastas da emancipação feminina para promover canais possíveis de acesso das mulheres ao universo das elites culturais. O próprio CSF funcionou como uma instituição que fomentava espaços de convivência e sociabilidade. Tal fato é perceptível ao analisar as configurações estabelecidas nas festas dançantes organizadas pela agremiação. As festividades eram veiculadas pelos jornais que circularam em Aracaju, os quais pontuavam o brilho dos momentos e os grupos de elites que deles participavam. Os eventos promovidos pelo clube eram sempre noticiados como festas esplêndidas da sociedade sergipana. Embora as notícias parecessem convidativas, pelo baixo preço do ingresso, os jornais pontuavam o lugar no qual aconteceriam os bailes dançantes promovidos pelo *Clube Sportivo Feminino*: os salões do Clube dos Diários e do Recreio Clube, que eram os grêmios dançantes mais requintados da cidade, o salão do Palácio do Governo e o salão nobre da Biblioteca Pública. Isto nos permite inferir o quanto o espaço era delimitado e impunha condições de acesso, exigindo além do valor em espécie para entrada, trajes “adequados” para os bailes. Assim, embora as manchetes instigassem o convite ao desejo de pertencimento, e a possibilidade de compartilhar espaços privilegiados, nos quais estariam presentes intelectuais e indivíduos de status cultural notório, a acessibilidade era restrita a grupos minoritários da sociedade aracajuana. A imprensa aracajuana recebia inúmeros convites para participar e, logicamente, fazer a cobertura desses eventos. O ato em si era interessado, o jornal funcionava como um instrumento eficaz, legítimo e de grande poder de amplificação social, fazendo ressoar as diversas formas de manifestações femininas nesses eventos, pois as festas do *Club Sportivo Feminino* firmavam-se como momentos oportunos para expor os talentos e as criações culturais das mulheres. Com isso, em edições consecutivas, os jornais pontuavam com detalhes as configurações das festas. As manchetes acompanhavam as atividades, relatando a participação e desenvoltura,

assim como as temáticas artísticas apresentadas pelos protagonistas. Com tudo isto, afirmamos que a investigação de alguns aspectos da dinâmica de grupos, que trabalharam no sentido de oportunizar as mulheres participarem efetivamente como protagonistas dos processos sociais, funcionou como uma tentativa de romper com as regularidades do cotidiano que estavam estabelecidas como lugares historicamente reservados ao gênero masculino. A partir deste entendimento perceberemos que os bailes dançantes, onde pulsavam as manifestações dos clubes recreativos em Aracaju nas primeiras décadas do século XX, funcionaram como criadores de espaços e lugares dotados de significados, ambientes pensados e projetados para constituir momentos de lazer, entretenimento e expressividade cultural e intelectual para algumas mulheres aracajuanas, sendo um espaço de sociabilidade possível ao momento histórico e a condição feminina na sociedade local.

**REFERÊNCIAS** ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino?

In.: SAVIANI, Dermeval. [et al.]. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004. ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Práticas esportivas em Aracaju no início do século**: um estudo sobre a participação da mulher. São Cristóvão: Departamento de Educação Física/Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Monografia de Licenciatura em Educação Física). BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999. BURKE, Peter. **A escrita da História**: Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. \_\_\_\_\_. **A escola dos Annales (1929 -1989)**: a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Galhardo. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. (Memória e Sociedade) ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Rio de Janeiro: Difel. (Coleção: Memória e Sociedade). 1992. ELIAS, Norbert. **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. FRAGO, Antonio Vinão e ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. LE GOFF, Jacques et al. **"História"**. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi,. Porto: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda. 1984, v.1 MATHIAS, Milena Bushatsky; RUBIO,

Kátia. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. In.: **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo. V. 24, n. 2, p.277 – 286, abril/junho 2010. MAZO, Janice Z.; SILVA, Carolina F. da; LYRA, Vanessa B. **As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o Século XX: alternativa de Lazer para elas**. Licere: Belo Horizonte, V. 13, n 3, sert/2010. ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da. **Esporte e Modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. TESE (História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada. UFRJ, 2011. SILVA, Eugênia Andrade Vieira. **A formação intelectual da elite sergipana (1822-1889)**. NPGED/UFS: São Cristóvão. 2006. (Dissertação de mestrado). SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na Metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das letras, 1998. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma História política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Fundação Getúlio Vargas, 196. P. 231-269. SOIHET, Raquel. História das Mulheres. In.: CARDOSO, CIRO Falmarion; VAINFRAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011. TARANTO, Pascal. John Stuart Mill e a emancipação das mulheres como processo civilizatório. In.: **História e Civilização**. SILVA, Genildo Ferreira da. Edufba: Salvador. 2011.

#### FONTES

**Periódicos** Correio de Aracaju Sergipe Jornal

(\*) Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA, Bolsista Fapesb, Professora EBTT do IFBA. marla\_lopesalmeida@yahoo.com

.br

(\*\*) Professor Doutor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA. corijr@ufba.br

Recebido em: 05/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: